

DEDICATÓRIAS EM OBRA DO SÉCULO XVI: INDÍCIOS DE MARCAS AUTORAIS

Rejane CENTURION

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

RESUMO

Em 1576, na oficina de Antônio Gonçalves, em Lisboa, fora publicada a “Historia da prouincia Säcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil”, de Pero de Magalhães de Gândavo, o qual teria dedicado mais de dez anos de trabalho à sua elaboração. Durante o processo de escrita e reescrita, passou por diferentes versões, sendo três manuscritas anteriores à edição príncipe, as quais se encontram arquivadas em bibliotecas de três países diferentes. Cada versão manuscrita recebera uma dedicatória diferente, o que nos levará à investigação desse elemento pré-textual, a partir de Bakhtin (1997), Chartier (1998), Hue (2004), Pereira Filho (1965), entre outros, concebendo-o como um gênero discursivo, cuja função vai além de indicar uma homenagem ou pedido de proteção, mas também marcas autorais.

ABSTRACT

In 1576, in Antônio Gonçalves’ typography, in Lisbon, the “Historia da prouincia Säcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil” was published by Pero de Magalhães de Gândavo, who would have devoted more than ten years of work to its preparation. During the process of writing and rewriting, it went through different versions, with three previous manuscripts to prince edition, which are archived in three libraries in different countries. Each manuscript version received a different dedication, that led us to research this pre-textual element taking as references Bakhtin (1997), Chartier (1998), Hue (2004), Pereira Filho (1965), among others, conceiving it as a discursive genre, which function goes beyond indicating a tribute or a request for protection, but also authorship marks.

PALAVRAS-CHAVE

Dedicatórias. Século XVI. Gândavo. Gentileza. Proteção. Marcas de autoria.

KEYWORDS

Dedications. The XVI century. Gândavo. Gentleness. Protection. Authorship marks.

Introdução

A história de elaboração de uma obra é envolta de curiosidades (e, por que não, mistérios?) e informações nem sempre conhecidas pelos seus leitores. Ao referir-nos a obras antigas, a proporção se acentua. “[...] é complexa a história que um texto pode ter no processo de sua transmissão ao longo dos tempos” (CAMBRAIA, 2005: 63).

Em 1576, Pero de Magalhães de Gândavo, publicava, na oficina tipográfica de Antonio Gonçalves, em Lisboa, sua *Historia da prouincia Säcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil*¹, considerada a primeira história sobre o Brasil em língua portuguesa, procurando propagar, pois, vários aspectos da terra então descoberta: habitantes, capitaniais, frutas, animais, sistema de governo, entre outros.

Antes de sua publicação, o texto passa, num intervalo de aproximadamente dez anos de trabalho, por um processo de escrita e reescrita, conhecendo-se três versões manuscritas anteriores à edição príncipe (PEREIRA FILHO, 1965; HUE, 2004), oportunizando o conhecimento de parte do histórico de sua elaboração e parte de suas condições de produção, sendo, pois, um diferencial, haja vista não ser uma regra as obras antigas e raras oferecerem tal histórico, havendo, portanto, quatro versões da obra em questão: os manuscritos *Tractado da prouincia do Brasil* (ms.1), *Tractado da terra do Brasil* (ms.2) e *Historia da prouincia Sancta Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil* (ms.3); e a edição príncipe *Historia da prouincia Säcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil*.

Estamos, portanto, diante de um desses casos raríssimos de documentação integralmente conservada, de molde a

¹ Doravante “Historia”.

permitir a reconstituição do roteiro, exato e ao vivo, de um caso de gênese literária. Um mundo de fascinantes curiosidades, não só históricas, como literárias e estilísticas, inclusive lingüístico-filológicas, palpita no seio desses quatro textos. Além do que, representam êles quatro monumentos preciosos do patrimônio cultural e afetivo de todos os brasileiros, quatro retratos vivos e de corpo inteiro das fases de elaboração de uma obra que havia de ser o marco da nossa Historiografia (PEREIRA FILHO, 1965: 12).

Cada uma das versões manuscritas apresenta uma dedicatória diferente, o que nos levou a investigar esse elemento pré-textual à luz de alguns conceitos da Filologia e considerando a cena de enunciação. Inicialmente, discutimos a função da dedicatória na Idade Média; depois, apresentamos o *corpus*, em edição fac-símile e semidiplomática, seguido de considerações analíticas, de forma a tratar o gênero dedicatória como um indício de marca autoral.

1. Dedicatória na Idade Média: “moeda de troca”?

Ao estudarmos a tradição textual da “Historia”, um aspecto que nos instigou foi o fato de que as versões manuscritas foram dedicadas a personalidades diferentes (mantendo-se na edição princípio o homenageado da terceira versão), sobre as quais apresentamos algumas informações.

A primeira versão manuscrita é dedicada à **Dona Catarina** de Áustria, que se casou com o rei João III em 1525, o qual reinou entre 1521 e 1557. Após a morte deste, assumiu D. Sebastião (de 1557 a 1578), neto de D. Catarina, a qual assumiu a regência do reino entre 1557 e 1562. **Dom Henrique**, segundo homenageado, no ms.2, foi o sucessor de Dom Sebastião, reinando entre 1578 e 1580. **Dom Leonis Pereira**,

homenageado na terceira versão manuscrita e também na edição príncipe, não pertencia à família real. Fora governador de Malaca e lutara contra o sultão de Achém, sendo o principal herói da defesa do território.

A partir de tal constatação, refletimos acerca dos motivos pelos quais o locutor pode ter decidido dedicar as versões da primeira fase (enquanto Tratado) a representantes da realeza, e as da segunda fase (enquanto História) a um então ex-governador, procurando ler especificamente a respeito deste elemento pré-textual tão importante ao panorama da obra, mas muitas vezes desconsiderado – a dedicatória.

Chartier (1998) aborda o fato de o autor da Idade Média estar entre a punição e a proteção. Punição devido às ações da Inquisição, as quais o forçavam, antes mesmo do reconhecimento do direito que tinha sobre sua obra, a ater-se à censura e interdição dos textos como primeira afirmação da sua identidade, o que corrobora a afirmação de que “a cultura escrita é inseparável dos gestos violentos que a reprimem” (p. 23). Em relação à proteção, destaca a função da dedicatória, a qual passa a ser utilizada como uma espécie de gesto de gentileza e respeito como estratégia para receber algo em troca. Determinado trecho da obra de Chartier (1998: 36-7) traz como ilustrações cenas de dedicatória do século XV, extraídas de manuscritos do referido século, nas quais seu autor entrega um manuscrito a quem se dedica a obra, nos casos ilustrados, uma duquesa e um rei, dos quais se espera proteção como forma de retribuir a oferta. Para Chartier (1998: 23), “as perseguições são como que o reverso das proteções, privilégios, recompensas ou pensões concedidas pelos poderes eclesiásticos e pelos príncipes. O espetáculo público do castigo inverte a cena da dedicatória”. É como se esta servisse como uma forma estratégica de fugir ao “castigo” de não receber permissão para a publicação de uma obra que não representasse os interesses da Inquisição, o que, de certa forma, funcionaria como proibição à sua leitura. Assim, ao se dedicar uma obra buscava-se, sobretudo, sua proteção.

Ao estabelecer a função autor, Chartier (1998: 39) coloca em questão a “condição” de autor, destacando que somente no século XVIII surgem autores que tentam viver de sua escrita. No século XVII, a cessão dos manuscritos aos livreiros-editores não proporciona uma renda suficiente², então, ao escritor desta época restam duas possibilidades:

Uma é que ele seja provido de benefícios, cargos, postos, caso ele não pertença a uma linhagem aristocrática ou burguesa, dispondo de uma fortuna patrimonial. Ou ele é obrigado a entrar nas relações de patrocínio e recebe uma remuneração não imediata de seu trabalho como escritor, sob a forma de pensão, de recompensa ou de emprego.

A dedicatória passa a funcionar, dessa forma, como um rito que inicia as relações de clientela ou patrocínio, podendo ser representada, tratando-se de um impresso, pelo oferecimento de uma cópia manuscrita com bela grafia e ricamente ornamentada ou um exemplar do livro impresso, luxuosamente encadernado e impresso sobre pergaminho, e não em papel, como as edições eram preparadas. O autor da Idade Média, a partir da dedicatória, tenta se proteger de uma provável punição ou ser recompensado por seus méritos:

No século XVII, no Ocidente, se o autor é um culpado em potencial, ele se vê também como um pensionista virtual. Ele teme que se lhe impute uma responsabilidade política ou religiosa, que lhe valeria uma punição, mas espera também que seus méritos sejam recompensados por uma pensão (CHARTIER, 1998: 38),

² Apesar de o *corpus* de nossa pesquisa ser do século XVI, utilizamos a referência de Chartier (1998) ao século XVII, pois acreditamos poder se enquadrar aquele, já que entendemos que no século XVI, tal cessão também não rendesse suficientemente.

o que nos leva a entender o funcionamento da dedicatória, na Idade Média, como “moeda de troca”.

Relacionando as afirmações de Chartier (1998) ao nosso objeto de investigação, é possível afirmar que as dedicatórias, nos quatro textos, tenham sido direcionadas aos seus homenageados não por mera gentileza, mas com a função de pedido de proteção, primeiramente ao poder real, e depois, a um “herói”, o que pode ser comprovado pelos seguintes versos de Camões (na edição príncipe) o qual pede, ao homenageado (Dom Leonis), pelo livro do amigo Gândavo: “E seja elle com vosco defendido, Como o foy de Malaca o fraco muro” (GÂNDAVO, 1576, f. 4r); e também pela seguinte afirmação de Gândavo (1576, f. 4v) na epístola a Dom Leonis: “Poronde com muita razam fauorecido desta confiança possa seguramente sair a luz com esta pequena empresa e diuulgala pela terra sem nenhum receo, tendo por defensor della a *Vossa Mere*”. Tal relação de interesse por proteção se reforça se considerarmos o fato de a segunda versão ser dedicada a alguém que ocupava o cargo de Inquisidor Geral. É como se Gândavo já estivesse adiantando um pedido de proteção disfarçado de gentileza.

Convém destacar que de acordo com Moura (2000: 131-2), “este D. Leonis Pereira, conquanto ilustrado pelos seus feitos guerreiros, com certeza não regressava a Lisboa propriamente coberto de retumbâncias da glória militar”, de forma que:

Muito provavelmente teremos de ver na dedicatória de Gândavo e nos versos de Camões que a acompanham um gesto de utilização da pena em prol de alguém que em tempos tivera um comportamento valoroso no Oriente e que, em Lisboa, estivesse porventura a atravessar uma situação próxima do desfavor, ou pelo menos da indiferença real, de modo a pôr-lhe os feitos em relevo e a auferir algum estipêndio condigno da solidariedade assim manifestada.

Como D. Leonis era rico (MOURA, 2000), existe a hipótese de que financiara a edição príncipe da “Historia”, corroborando as afirmações de Chartier (2008), para quem a dedicatória poderia funcionar como um gesto para receber algo em troca, neste caso, o “estipêndio” e a proteção do defensor de Malaca. Dessa forma, a afirmação de que a função da dedicatória seria a de pedido de proteção funciona, na verdade, no sentido de “passar como” pedido de proteção, pois Gândavo teria encontrado na dedicatória a contrapartida da “negociação”. Nos ms.1 e ms.2, por sua vez, ela “passa como” uma obrigação de vassalo, como o próprio locutor enfatiza, no entanto, a partir dela estaria, indiretamente, tentando encontrar um financiador para sua publicação: “[...] e o pobre do Gândavo surge com ar pedinchão e seu quê de sabujo, a distribuir *Tratados* a todos, como diva de alegoria barata, cornucópia na mão e sendais duvidosos, jogando flores por todos os lados” (PEREIRA FILHO, 1965: 45), corroborando nossa proposta de ler na dedicatória bem mais que gentileza e proteção.

Na seção seguinte, apresentamos a análise do *corpus* junto à consideração da dedicatória enquanto um gênero discursivo e, especificamente, das dedicatórias em questão como indícios de marcas autorais.

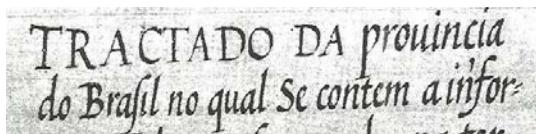
2. Apontamentos acerca da dedicatória como gênero discursivo e marca autoral

Comumente concebida como um componente de obras literárias, trabalhos acadêmicos, entre outros, a dedicatória, conforme apresentada no material em estudo, faz-nos pensá-la, a partir de Cox (2014), como um “gênero discursivo independente” junto a cada uma das versões na qual se encontra. Considerando que o locutor a inclui nas quatro versões com traços similares, e que os manuscritos sejam apógrafos e anônimos, seu estudo pode fornecer pistas para a investigação de indícios da voz do locutor da edição príncipe nas versões manuscritas, nos auxiliando a

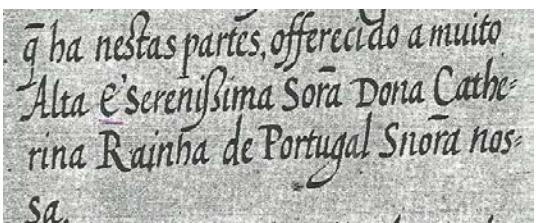
responder: onde está Gândavo nos manuscritos?

A seguir, a citação dos nomes dos homenageados como apresentados nas quatro versões. Três delas trazem-nos já na folha de rosto; depois, nas quatro versões, de forma específica, junto à página reservada à dedicatória, na qual o locutor direciona um texto epistolar ao homenageado. Em relação às terceira e quarta versões, o nome do homenageado também é visível antes da apresentação de tercetos e soneto de Camões:

- a) primeira versão manuscrita:
a.1) folha de rosto:

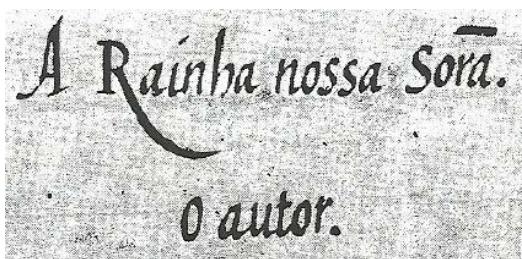


[...]



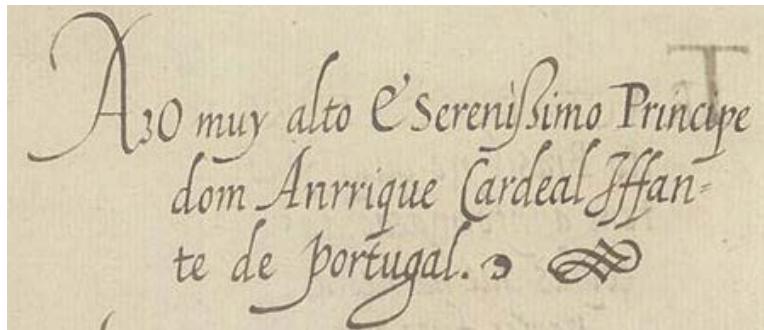
(GÂNDAVO, ms.1, f. 1r)

- a.2) página da dedicatória:



(GÂNDAVO, ms.1, f. 1v)

- b) segunda versão manuscrita:
b.1) página da dedicatória:



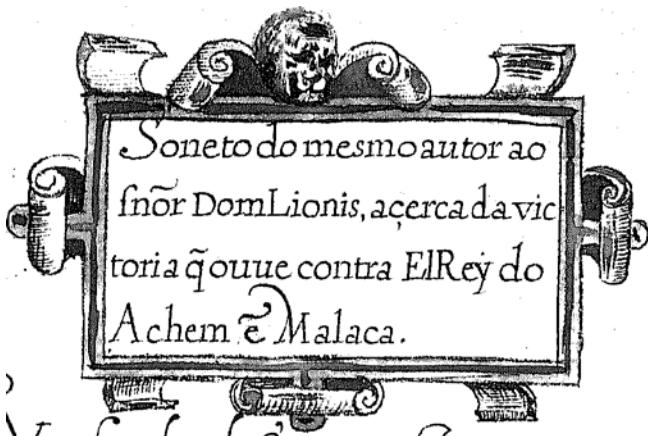
(GÂNDAVO, ms.2, f. 1v)

- c) terceira versão manuscrita:
c.1) página inicial dos tercetos de Camões:



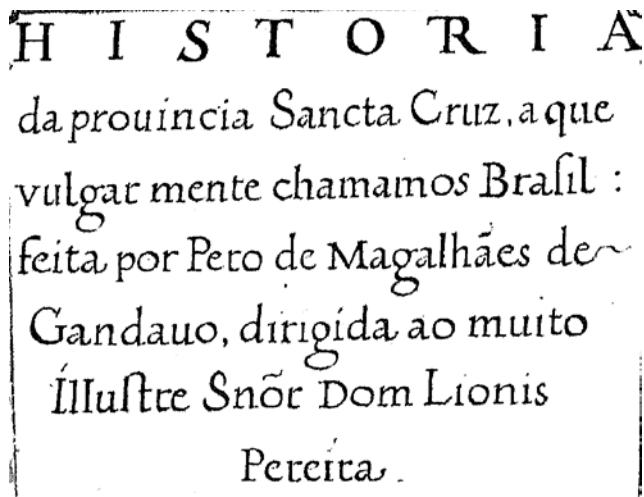
(GÂNDAVO, ms.3, f. 1r)

c.2) página do soneto de Camões:



(GÂNDAVO, ms.3, f. 4r)

c.3) folha de rosto:



(GÂNDAVO, ms.3, f. 5r)

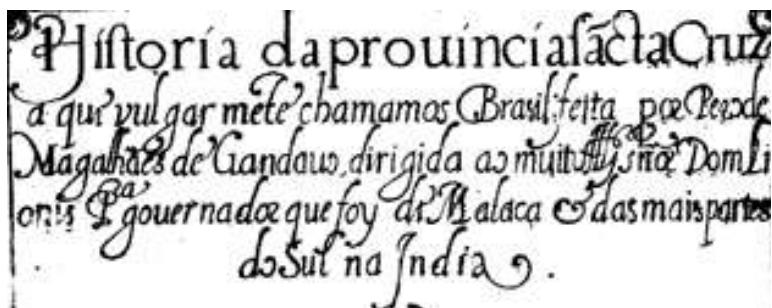
c.4) página da dedicatória:



(GÂNDAVO, ms.3, f. 5r)

d) edição príncipe:

d.1) folha de rosto:



(GÂNDAVO, 1576, f. 1r)

d.2) página inicial dos tercetos de Camões:

**Ao muito illustre senhor Dom
LIONIS PEREIRA sobre o liuro que lhe
offerece Pero de Magalhães: tercetos
de Luis de Camões.**

(GÂNDAVO, 1576, f. 2r)

d.3) página do soneto de Camões:

**Soneto do mesmo Autor ao senhor Dom
Lionis, acerca da victoria que ouue
contra el Rey do Achem
em Malaca**

(GÂNDAVO, 1576, f. 4r)

d.4) página da dedicatória:

**A O M V I T O I L L V S T R E S E N H O R
D O M L I O N I S P E R E I R A,
Epistola de Pero de
Magalháes.**

GÂNDAVO, 1576, f. 4v)

Um gênero discursivo, segundo Bakhtin (1997: 279), se constrói a partir de três constituintes: estrutura composicional, conteúdo temático e estilo:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes dum ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – , mas também, e sobretudo, por sua construção composicional.

Para este teórico, os três constituintes “fundem-se indissoluvelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação”, a qual elabora seus “tipos relativamente estáveis de enunciados” – os gêneros do discurso.

Para sustentar nossa proposição de vermos na dedicatória um gênero discursivo independente, procuramos mostrar, por referências textuais, sua constituição, a qual se dá por traços específicos no conjunto dos quatro textos, cuja composição se caracteriza por referências breves e não breves aos homenageados. As primeiras, no formato de frases curtas, se encontram em páginas diferentes à da dedicatória e numa espécie de cabeçalho na seção específica. As não breves são representadas pelo texto ao homenageado na página da dedicatória.

A tabela, a seguir, representa as referências breves:

TABELA 1: Referências breves aos homenageados

	folha de rosto	página da dedicatória	página inicial dos tercetos	página do soneto
ms.1	[...] offerecido a muito Alta e Serenissima Sôra Dona Catherina Rainha de Portugal Snōra nossa.	A Rainha nossa Sôra. O autor.		
ms.2		Ao muy alto e Serenissimo Principe dom Anrique Cardeal Jffante de Portugal		

ms.3	[...] dirigida ao muito Íllustre Snōr Dom Lionis Pereira.	Epístola ao Senhor Dom Lionis.	Ao muito illustre Snōr Dom Lionis Pereira sobre o liuro q̄ lhe offerece Pero de Magalhaes. [...]	[...] ao snōr Dom Lionis, aacerca da victoria q̄ ouue contra ElRey do Achem e Malaca.
e.p.	[...] dirigida ao muito Ill snōr Dom Lionis P ^{ra} gouernador que foy di Malaca E das mais partes do Sul na India.	AO MVITO ILLVSTRE SENHOR DOM LIONIS PEREIRA, Epistola de Pero de Magalhães.	Ao muito illustre senhor Dom LIONIS PEREIRA sobre o liuro que lhe offerece Pero de Magalhães [...].	[...] ao senhor Dom Lionis, acerca da victoria que ouue contra elRey do Achem em Malaca.

Nas versões da fase “tratado” (ms.1 e ms.2), a relação de similaridade se dá a partir da relevância que o locutor pretende conferir aos atributos dos homenageados: “muito Alta e Serenissima” (ms.1) e “muy alto e Serenissimo” (ms.2); e ainda na necessidade de apontar o reino ao qual pertencem: “de Portugal” (ms.1) e “de portugal (ms.2).

Na fase “história” (ms.3 e e.p.), por sua vez, a relação entre as duas versões é marcada por:

- a) lexia “illustre”: “Íllustre” e “illustre” (ms.3); “Ill”, “ILLVSTRE” e “illustre” (e.p.);
- b) concepção do texto da dedicatória como uma epístola;
- c) destaque aos atributos do homenageado: “muito Íllustre” e “muito illustre” (ms.3); “muito Ill”, “MVITO ILLVSTRE” e “muito illustre” (e.p.);

- d) indicação de feito glorioso do homenageado: “acerca da victoria q̄ ouue contra ElRey do Achem ē Malaca” (ms.3) e “acerca da victoria que ouue contra elRey do Achem em Malaca” (e.p.);
- e) indicação da dedicatória, na folha de rosto, a partir do verbo “dirigir”: “dirigida” (ms.3 e e.p.);
- f) indicação da dedicatória, na página inicial dos tercetos, a partir do verbo “oferecer”: “offerece” (ms.3 e e.p.).

Na comparação entre as fases, destacamos a indicação da dedicatória, a partir do verbo “oferecer”: “offerecido” (1^a fase – ms.1) e “offerece” (2^a fase – ms.3 e e.p.); e também o fato de o locutor se incluir nos textos: “O autor” (1^a fase – ms.1) e “Pero de Magalhaes”/ “Pero de Magalhães” (2^a fase – ms.3 e e.p.).

Citando, finalmente, similaridades entre as quatro versões, temos: necessidade de ressaltar as qualidades dos homenageados; intensificação dos atributos destes a partir do advérbio “muito”; e indicação topográfica.

As próximas figuras representam as referências não breves, tomando, pois, os textos constantes à seção da dedicatória de cada versão. Como método, apresentamos, à esquerda de cada tabela, o fac-símile do texto, e, à direita, nossa transcrição semidiplomática – com conservação da ortografia; desenvolvimento das abreviaturas; e indicação de mudança de linha com um traço vertical, e de página, com dois.

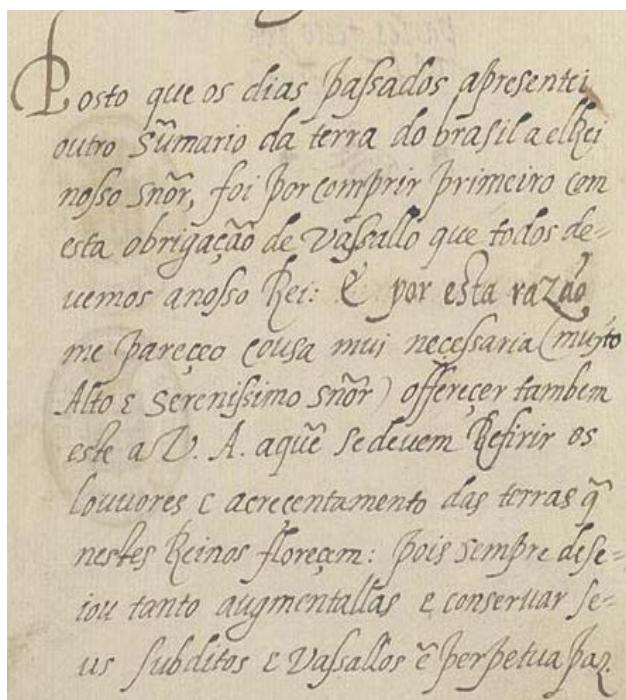
FIGURA 1: Dedicatória do ms.1

Não me pareço cosa fora de propósito
 (muito alta é Sennissima Sra.) mas
 antes diuila é necessaria offenar a U.A.
 este sumario da Provincia do Brasil,
 (cosa que alegora não imprende a pessoa alguma)
 assi por mostrar obediencia e obrigação
 de humil vassallo, como tambem Pordar
 novas Particularias destas partes a U.A.
 onde poralgus annos me achei e colligi sua
 breua informaçao na Verdade e amator

Parte das cosas q̄ aqui escrivo U. e expre-
 mentez. Pello q̄ Speco a L. A. me re-
 ceba este pobre presente como fruta da
 terra, e com tamanha morte fizere q̄ saig.
 feito Rogando a nro sñor lhe de Prospes-
 sor e largissimos annos de Vida p̄ra o.
 servir e nos fazer muitas mercedes.

1v. Naõ me pareçeo cousa fora de propo= | sito (muito alta e Serenissima Senhora) mas | antes diuida e neçessaria offerecer aVossa Alteza | este summario da prouincia do Brasil, | (cousa que ategora naõ imprendeo pessoa alguã) | assý por mostrar aobediencia e obrigaçao | de humil vassalo, como tambem por dar | nouas particullares destas partes aVossa Alteza | onde por algüs años me achei E colligi esta | breue informaçao na verdade e a maior | | 2r. parte das couisas que aqui escreuo vi. e expre= | menteý. Pello que peço aVossa Alteza me re= | çeba este pobre presente como fruitta da | terra, E com tamaña merce ficareý satis= | feito Rogando a nosso senhor lhe de prospe= | ros e largíssimos años deVida pera o. | seruir e nos fazer muitas merçes. | (GÂNDAVO, ms.1, f. 1v-2r).

FIGURA 2: Dedicatória do ms.2



Como eu isto entenda, e conheça quan-
tos são os bons serviços a V. A. que
ao Reino se fazem imagines comigo que
podia trazer destas partes (com que desse
testemunho de minha pura tencão: e abe-
que não se podia dizer fraco homem esperar
maior serviço (ainda que tal não pareça)
que lançar mão desta informação da
terra do Brasil (cousa q' ategora não im-
prende o pesssoa alguma) para q' nestes
Reinos se divulgue sua fertilidade e
provoque a muitas pessoas pobres que
se vao viver aesta prouincia, que nissò
consiste a felicidade e augmento della.
E por que V. A. sabe quanto serviço
de Deos e del Rei nosso Snor seja esta

denunciaçao determines collegilla com de-
liberação de a offercer a V. A. aquie
humilmente pço ma fubia, e com tama-
nha merec ficare satisfeito Rogando a
nosso Snor the de prosperos e largissimos
amor de vida e deixe per-
manecer seu Real etado
em perpetua felici-
cidade ame

1v. Posto que os dias passados apresentei | outro sūmario da terra
do brasil a elRei | nosso senhor, foi por comprar primeiro com | esta
obrigação de vassallo que todos de= | uemos a nosso Rei: e por esta
razão | me pareçeo cousa mui necessaria (muýto | Alto E serenissimo
senhor) offerecer tambem | este a *Vossa Alteza* a quē se deuem Refirir os
| louuores E acrecentamento das terras *que* | nestes Reinos floreçem:
pois sempre dese= | iou tanto augmentallas e conseruar se= | us
subditos E vassalos e perpetua paz. || 2r. Como eu isto entenda, e
conheça quam | açeitos são os bôs seruicos a *Vossa Alteza* que | ao
Reino se fazem imaginei comigo que | podia trazer destas partes com
que desse | testemunho de minha pura tençao: e acheý | que não se
podia d̄ fraco homē esperar | maior seruico (ainda que tal não pareça)
| que lançar mão desta informaçao da | terra do Brasil (cousa *que*
ategora não im= | preendeo pessoa algūa) pera *que* nestes | Reinos se
deuulge sua fertillidade E | prouoque a muitas pessoas pobres que | se
vaõ viuer a esta prouincia, que nisso | consiste a felliçidade e aumento
della. | E porque *Vossa Alteza* sabe quanto seruico | de Deos e delRei
nosso senhor seýa esta || 2v. denunciaçao determineý collegilla com
de= | liberaçao de a offerecer a *Vossa Alteza* a quē | humilmente peço
ma Receba, E com tama= | nha merce ficarei satisfeito Rogando a |
nosso senhor lhe de prosperos e largíssimos | annos de vida E deixe
per= | maneçer seu Real estado | em perpetua felli= | çidade. amē |
Humilde vassalo de *Vossa Alteza* Pero de Magalhães || (GÂNDAVO,
ms.2, f. 1v-2v).

FIGURA 3: Dedicatória do ms.3

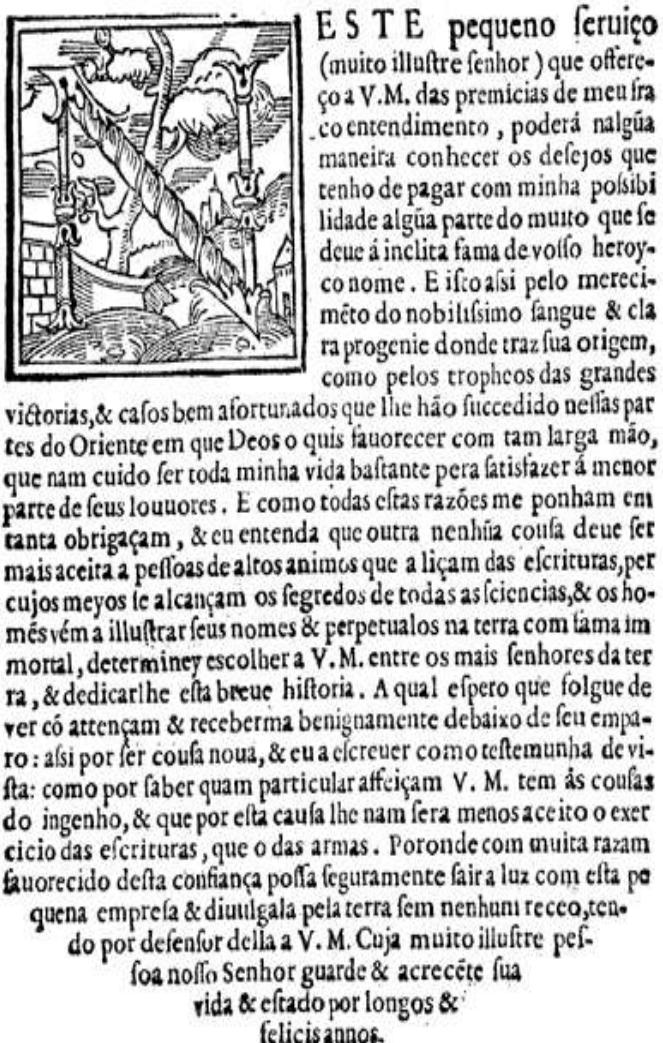
Este pçqueno scruicio, muito illustre srñor,
 qui offereç a vossa merc' das premicias
 de meu fraco enendimcto, poderá nalgum
 manoiria conelcecer os desejos qui tenho de pagar co
 minha possibilidade alguma parte das muitas que se de-
 ue à inclita fama de voso erojico nomi. E' isw
 assi pelo merecimento dos nobilissimos sanguis e clam
 progenie donde traz sua origem, como pelos trophe-
 os das grandes vitorias e casos bem afortunados
 qui se hão sucedido nessas partes do oriente em que
 Deus o quis favorecer com tam larga mæs, que não
 cuidaréz toda minha v'ida bastante para satisfazer
 á menor parti de seus louvores. E' como todas

estas razões me pondo com tanta obrigação e eu contendo que outra nenhuma causa devo ser mais aceita a pessoas de altos animos que a Sícu das escrituras, por cujos meios se alcançarão os segredos de todas as ciencias, e os homens virão a ilustrar seus nomes, e perpetuálos na terra com fama imortal. determino já escolher a vossa mercê entre os mais nobres da terra, e dedicar-lhe esta breve História. A qual espero que folgir de ver com attenção. e veja que é benigna mente de baixa de seu emparo, assi por ser causa nova e eu a escrever como testemunha de vista: como também por saber quanç particular affeção vossa mercê tem as causas dos ingenhos, e que por esta causa se não seca os meus aceitos exercícios das escrituras que o das armas. Por onde com muita razão, favorecido desta confiança, passo seguramente sair a luz e esta pequena impresa, e diuulgala pela terra

sem nenhum risco, tendo por defensor della a. V.
 M. Cuja illustrissima pessoa o nosso senhor guardi e acrecente sua vida e estádo por longos e felices annos...

6r. Nesti pequeno seruiço, muito illustre senhor, | qui offereço a vossa merci das premicias | de meu fraco entendimeto, poderá nalguaõ | maneira conhacer os desejos qui tenho de pagar cõ | minha possibilidadi alguã parte do muito que se de= | ue á inclita fama de vossa heroýco nomi. E isto | assi pelo merecimento do nobilissimo sanguí e clara | progenie dondi traz sua origem, como pelos trophe= | os das grandes victorias e casos bem afortunados | qui lhe haõ sucedido nessas partes do orienti em qui | Deos o quis fauorecer com tam larga maõ, que naõ | cuido ser toda minha vida bastante para satisfazer | á menor parti de seus louuores. E como todas || 6v. estas razoẽs me ponhaõ em tanta obrigaçao, e eu en= | tenda que outra nenhuaõ cousa devi ser mais aceita | a pessoas de altos animos qui a lição das escrituras, | per cujos meýos se alcançaõ os segredos de todas as | ciencias, e os homens vém a illustrar seus nomes, e | perpetualos na terra com fama immortal: determi= | neý escolher a vossa merci entre os mais senbores da | terra, e dedicarlhi esta breui historia. A qual es= | pero qui folgui de ver com attençao, e Receberma | benignamenti debaixo de seu emparo, assi por | cousa noua e eu a escreuer como testemunha | de vista: como tambem por saber quam parti= | cular affeïçaõ vossa merci tem ás couosas do in= | genho, e qui por esta causa lhe naõ será me= | nos aceito, o exercicio das escrituras, qui o das | armas. Porondi com muita razão, fauorecido | desta confiança, posso seguramente sair a luz cõ | esta pequena impresa, e diuulgala pela terra || 7r. sem nenhum receo, tendo por defensor della a. Vossa | Merci. Cuja illustrissima pessoa nosso senhor guardi | e acrecente sua vida e estado por longos e felices | annos. || (GÂNDAVO, ms.3, f. 6r-7r).

FIGURA 4: Dedicatória da edição príncipe



4v. NESTE pequeno seruiço | (muito illustre senhor) que offere= |
 ço a *Vossa Merce* das premicias de meu fra= | co entendimento, poderá
 nalgña | maneira conhecer os desejos que | tenho de pagar com
 minha possibi= | lidade algña parte do muito que se | deue á inclita
 fama de vosso heroy= | co nome. E isto assi pelo mereci= | mēto
 do nobilissimo sangue e cla= | ra progenie donde traz sua origem, |
 como pelos tropheos das grandes | victorias, e casos bem afortunados
 que lhe hão succedido nessas par= | tes do Oriente em que Deos o
 quis fauorecer com tam larga mão, | que nam cuido ser toda minha
 vida bastante pera satisfazer á menor | parte de seus louvores. E como
 todas estas razões me ponham em | tanta obrigaçam, e eu entenda que
 outra nenhña cousa deue ser | mais aceita a pessoas de altos animos
 que a liçam das escrituras, per | cujos meyos se alcançam os segredos
 de todas as sciencias, e os ho= | mês vém a illustrar seus nomes e
 perpetualos na terra com fama im= | mortal, determiney escolher a
Vossa Merce entre os mais senhores da ter= | ra, e dedicarlhe esta breue
 historia. A qual espero que folgue de | ver cõ attençam e receberma
 benignamente debaixo de seu empa= | ro: assi por cousa noua, e
 eu a escreuer como testemunha de vi= | sta: como por saber quam
 particular affeçam *Vossa Merce* tem ás couisas | do ingenho, e que por
 esta causa lhe nam sera menos aceito o exer= | cicio das escrituras, que
 o das armas. Poronde com muita razam | fauorecido desta confiança
 possa seguramente sair a luz com esta pe= | quena empresa e diuulgala
 pela terra sem nenhum receo, ten= | do por defensor della a *Vossa Merce*. Cuja muito illustre pes= | soa nosso Senhor guarde e acrecete
 sua | vida e estado por longos e | felicis annos. || (GÂNDAVO, 1576,
 f. 4v).

As referências não breves, conforme pudemos observar, não apenas se mantêm no processo de elaboração da obra, como também se tornam mais amplas, como ocorre com a obra como um todo, representando, pois, uma marca autoral.

A primeira observação que fazemos é em relação ao locutor tomar o gesto do oferecimento da obra como uma “obrigação”:

- a) “Naõ me pareçeo cousa fora de proposito [...] mas antes diuida e neçessaria offerecer a *Vossa Alteza* este summario da prouinçia do Brasil, [...] por mostrar a obediencia e **obrigaçao** de humil vassalo, [...]” (GÂNDAVO, ms.1, f. 1v, grifo nosso);
- b) “Posto que os dias passados apresentei outro sūmario da terra do brasil a elRei nosso senhor, foi por comprar primeiro com esta **obrigação** de vassallo que todos deuemos a nosso Rei: e por esta razão me pareçeo cousa mui necessaria [...] offerecer tambem este a *Vossa Alteza* (GÂNDAVO, ms.2. f. 1v, grifo nosso);
- c) “E como todas estas razoēs me ponhaõ em tanta **obrigação** [...] determiney escolher a vossa merci entre os mais senbores da terra, e dedicarli esta breui historia” (GÂNDAVO, ms.3, f. 6v, grifo nosso);
- d) “E como todas estas razões me ponham em tanta **obrigaçam**, [...] determiney escolher a *Vossa Merce* entre os mais senhores da terra, e dedicarle esta breue historia” (GÂNDAVO, 1576, f. 4v, grifo nosso).

É como se a “obrigação” em dedicar a obra fosse o preço a se pagar pelo que se supunha receber em troca: apoio, financiamento, proteção, entre outros.

Assim como nas referências breves, são enfatizadas as qualidades dos homenageados, o que já era de se esperar haja vista as especificidades do gênero em questão, concentrando-se nesse aspecto o conteúdo temático esperado. Entre as tais qualidades, enfatizamos:

- a) Dona Catherina: “muito alta e Serenissima Sñora”;
- b) Dom Anrique: “muýto Alto e serenissimo snôr”, “a quẽ se deuem Refirir os louuores E acreçentamento das terras q nestes Reinos floreçem: pois sempre deseiou tanto augmentallas e

- conseruar seus subditos E vassalos é perpetua paz”;
- c) Dom Lionis/ms.3: “muito illustre sñor”, “inclita fama”, “heroýco nomi”, “nobilissimo sangui e clara progenie”, “tropheos das grandes victorias e casos bem afortunados”, “Deos o quis fauorecer com tam larga maõ”, “naõ cuido ser toda minha vida bastante para satisfazer á menor parti de seus louvores”, “pessoa de alto animo”, “defensor”, “illustriSSima pessoa”;
 - d) Dom Lionis/e.p.: “muito illustre senhor”, “inclita fama”, “heroýco nome”, “nobilissimo sangue e clara progenie”, “tropheos das grandes victorias, e casos bem afortunados”, “Deos o quis fauorecer com tam larga mão”, “nam cuido ser toda minha vida bastante para satisfazer á menor parte de seus louvores”, “pessoa de alto animo”, “defensor”, “muito illustre pessoa”.

Além das referências aos homenageados, mostramos, a seguir, que o locutor também faz referências a si e à sua obra.

Ao se referir a si, pelos adjetivos e expressões utilizadas, o locutor tenta se colocar numa situação de inferioridade em relação aos seus homenageados:

- a) ms.1: humil vassalo;
- b) ms.2: vassalo, fraco homē, humilmente peço, Humilde vassalo;
- c) ms.3: fraco entendimento, debaixo de seu emparo;
- d) e.p.: fraco entendimento; debaixo de seu emparo.

E ao se referir à obra e ao seu trabalho, a tentativa de parecer humilde se repete:

- a) ms.1: breue informaçāo, pobre presente, fruita da terra;
- b) ms.2: informaçāo, denunçiaçāo;
- c) ms.3: pequeno seruiço, breui historia, pequena impresa;

- d) e.p.: pequeno seruiço, breue historia, pequena empresa.

Entendemos que apesar de o conteúdo temático esperado para o gênero dedicatória venha a ser o conjunto das referências (breves e não breves) à pessoa a quem se dedica a obra, ao inserir as referências supracitadas a si e à obra, o locutor o faz para dar mais ênfase ainda às qualidades de seus homenageados, colocando-os na qualidade de imortais, e ele, na de mero humilde mortal. Na redação da edição príncipe, há a seguinte referência à fama imortal que se pode alcançar pelas escrituras:

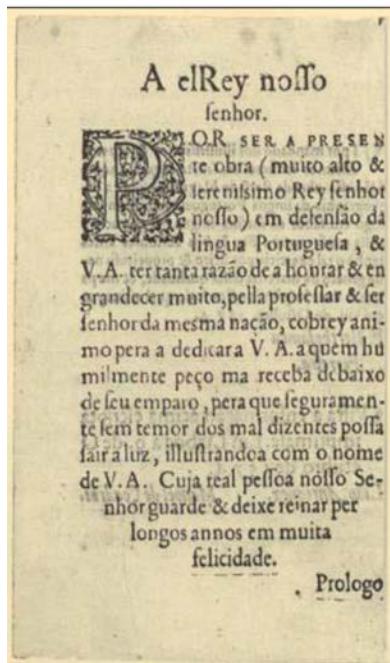
E como todas estas razões me ponham em tanta obrigaçam, e eu entenda que outra nenhūa cousa deue ser mais aceita a pessoas de altos animos que a liçam das escrituras, per cujos meyos se alcançam os segredos de todas as sciencias, e os hom̄es vém a illustrar seus nomes e perpetualos na terra com fama immortal, determiney escolher a *Vossa Merce* entre os mais senhores da terra, e dedicarlhe esta breue historia (GÂNDAVO, 1576, f. 4v).

Podemos notar que embora Gândavo acredite nisso para si, destaca e busca despertar no homenageado tal interesse, haja vista seu interesse próprio na publicação e proteção de sua obra. Assim, a partir da dedicatória, “vende” a fama imortal em troca do apoio à publicação.

Com o objetivo de reunirmos mais indícios que exemplifiquem, por referências textuais, a constituição do gênero em questão, consultamos a dedicatória constante à obra *Regras qre ensinam a maneira de escrever e orthographia da língua Portuguesa, com hum Dialogo que a diante se segue em defensam da mesma língua*³ (GÂNDAVO, 1574).

³ Esta publicação de Gândavo (1574), dedicada ao rei, apresenta preocupação com a escrita, e é contemporânea das gramáticas de Fernão de Oliveira e João de Barros, publicadas em 1536 e 1540, respectivamente. A obra funcionaria como um manual para aprender a ortografia portuguesa, a única (BUESCU, 1981), a propósito, entre as dos gramáticos portugueses, a ter

FIGURA 5: Dedicatória da obra “Regras”



A elRey nosso | senhor.

POR SER A PRESEN= | te obra (muito alto e | serenissimo Rey
senhor | nosso) em defensão da | lingua Portuguesa, e | *Vossa Alteza*
ter tanta razão de a honrar e en= | engrandecer muito, pella professar
e ser | senhor da mesma nação, cobrey ani= | mo pera a dedicar a
Vossa Alteza a quem hu= | milmente peço ma receba debaixo | de
seu emparo, pera que seguramen= | te sem temor dos mal dizentes
possa | sair a luz, illustrandoa com o nome | de *Vossa Alteza*. Cuja real
pessoa nosso Se= | nhor guarde e deixe reinar per | longos annos em
muita | felicidade. | Prologo

mais de uma edição no século XVI (1574, 1590 e 1592), sendo, portanto, o livro de regras gramaticais mais editado em Portugal em sua época (Doravante “Regras”).

Constatamos, junto às referências breves e não breves dessa, algumas semelhanças com as dedicatórias anteriormente estudadas, as quais contribuem não apenas para sustentar a constituição do gênero, mas apoiar a regularidade enunciativa:

- a) relevância às qualidades e importância do homenageado: “muito alto e sereníssimo Rey senhor nosso”, “*Vossa Alteza* ter tanta razão”, “real pessoa”;
- b) indicação topográfica: “ser senhor da mesma nação” – [Portuguesa]
- c) lexia “illustre”: “**illustrandoa** com o nome de *Vossa Alteza*”;
- d) emprego do advérbio “muito” para intensificar a qualidade do rei;
- e) apesar de não empregar o termo “epístola” junto às referências não breves, é possível entender que o locutor concebe o texto como uma carta ao rei;
- f) pedido de proteção: “ma receba debaixo de seu emparo, pera que seguramente sem temor dos mal dizentes possa sair a luz, *illustrandoa* com o nome de *Vossa Alteza*”;
- g) referência a si em situação de inferioridade em relação ao homenageado, tentando parecer humilde: “a quem humilmente peço ma receba debaixo de seu emparo”;
- h) referência à relevância da obra: “POR SER A PRESENte obra [...] em defensão da lingua Portuguesa, e *Vossa Alteza* ter tanta razão de a honrar e engrandecer muito”.

Os indícios apontados nos mostram similaridades às dedicatórias da “História”, havendo, portanto, uma relação de regularidade enunciativa entre os cinco textos. Assim, ao mobilizarmos este exemplo da primeira obra de Gândavo (1574), reunimos traços que confirmam a função da dedicatória como indício de marca autoral.

Considerações finais

Ainda sobre este elemento, importa um esclarecimento. Na segunda versão (GÂNDAVO, ms.2, f. 1v), temos: “Posto que os dias passados apresentei outro súmario da terra do brasil a elRei nosso senhor, foi por comprar primeiro com esta obrigação de vassallo que todos deuemos a nosso Rei [...]”, no entanto, o texto anterior fora dedicado à D. Catarina e trazia no título o termo “tratado”, e não “sumário”. Assim, alguns estudiosos desta obra passaram a cogitar a possibilidade de haver uma versão entre as duas supracitadas. Pereira Filho (1965, p. 44-8), com quem concordamos, descarta tal possibilidade elencando as seguintes razões: pelo nexo que as versões representam entre si, o tal sumário só poderia estar antes do ms.1 ou entre este e o ms.2. A primeira opção é descartada haja vista o ms.1 deixar indícios de que o assunto está sendo tratado pela primeira vez e também pelo fato de, se o ms.1 já fosse uma segunda versão, Gândavo teria feito alguma referência, como o fez no ms.2. Também descarta a possibilidade de haver outra versão entre os ms.1 e ms.2, pois não há, na tradição textual, nenhum indício ou alusão de outra versão, sendo que tudo o que há se enquadra em alguma das versões conhecidas, além do fato de haver um lapso de tempo muito curto entre estas. A duvidosa expressão do autor é o que restou, dessa forma, como parâmetro de análise para Pereira Filho (1965, p. 47), o qual cita Gândavo, a partir de exemplos das duas redações do Tratado, para mostrar que este usava o termo “sumário” de forma genérica, como um vocábulo para aludir às referidas redações. Sobre o fato de se referir à “Terra do Brasil”, e não “Província do Brasil”, o estudo justifica como uma escolha lexical, a qual foi introduzida no próprio título do ms.2.

Pode ter “apresentado” ao rei o texto ora “dedicado” à Dona Catarina, cumprindo com a obrigação de vassallo, já que à sua época, todo o bem comum era antes proclamado como serviço prestado ao rei. Assim, estaria “avisando” a Dom Henrique (o homenageado em

questão) que o rei estava ciente do “assunto”. Quanto ao emprego dos termos “tratado” e “terra”, o primeiro pode ter sido empregado por fazer referência aos clássicos, já que era muito usado nos tempos da boa latinidade; o segundo, por sua vez, pelo fato de, na reescrita, o locutor entender que província fizesse referência a algo menor do que “terra”, lexia denotadora de algo mais amplo.

Considerando a hipótese de os manuscritos da “*Historia*” serem considerados anônimos e apógrafos, e encontrarmos pela análise da dedicatória marcas do discurso do locutor da edição príncipe, vemos nela bem mais que gentileza e proteção, mas um indício de autoria, conceito este que, para Foucault (2001, p. 26), vem a ser um “princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência”, o que contribui, substancialmente, aos estudos filológicos. Pelo estudo, entendemos ser possível, a partir da regularidade enunciativa, nas dedicatórias, ver o Gândavo da edição príncipe nos manuscritos.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. **Introdução**. In: GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. **Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da Língua Portuguesa**. Edição fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981. Disponível em: <<http://purl.pt/324/3/>> Acesso em: 06.set.2012
- CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

COX, Maria Inês Pagliarini. **Deus:** uma presença quase obrigatória nos “agradecimentos”. In: BARONAS, Roberto Leiser; ARAÚJO, Lígia Mara Boin Menossi de; PONSONI, Samuel. **Análise de discurso: continuidades, calibragens, interfaces.** Paulistana: São Paulo, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

GANDAVO, Pero de Magalhães de. **Tratado da prouincia do Brasil.** ms.1. In: GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. **Tratado da província do Brasil.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965. Edição preparada por Emanuel Pereira Filho.

_____. **Tractado da terra do Brasil.** ms.2. Disponível em: <<http://purl.pt/211>> Acesso em: 30.out.2011

_____. **Historia da prouincia Sâcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil.** ms.3.

_____. **Regras qve ensinam a maneira de escrever e orthographia da língua Portuguesa, com hum Dialogo que a diante se segue em defensam da mesma língua.** Lisboa: Officina de Antonio Gonsalvez, 1574. Disponível em: <<http://purl.pt/12144/3/>> Acesso em: 06.set.2012

_____. **Historia da prouincia Sâcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil.** Lisboa: Officina de Antonio Gonsalvez, 1576. Disponível em: <<http://purl.pt/121>> Acesso em: 02.abr.2012

HUE, Sheila Moura. **Introdução:** Peripécias de um livro. In: GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. **A primeira História do Brasil: História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil** [Modernização do texto original de 1576 e notas, Sheila Moura Hue, Ronaldo Menegaz; revisão das notas botânicas e zoológicas, Ângelo Augusto dos Anjos; prefácio, Cleonice Berardinelli]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, p. 13-25.

MOURA, Vasco Graça. **Sobre Camões, Gândavo e outras personagens: hipóteses de história da cultura.** Porto: Campo das Letras, 2000.

PEREIRA FILHO, Emanuel. **Introdução.** In: GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. **Tratado da província do Brasil.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.

Recebido em 10/10/2016 e aceito em 06/12/2016